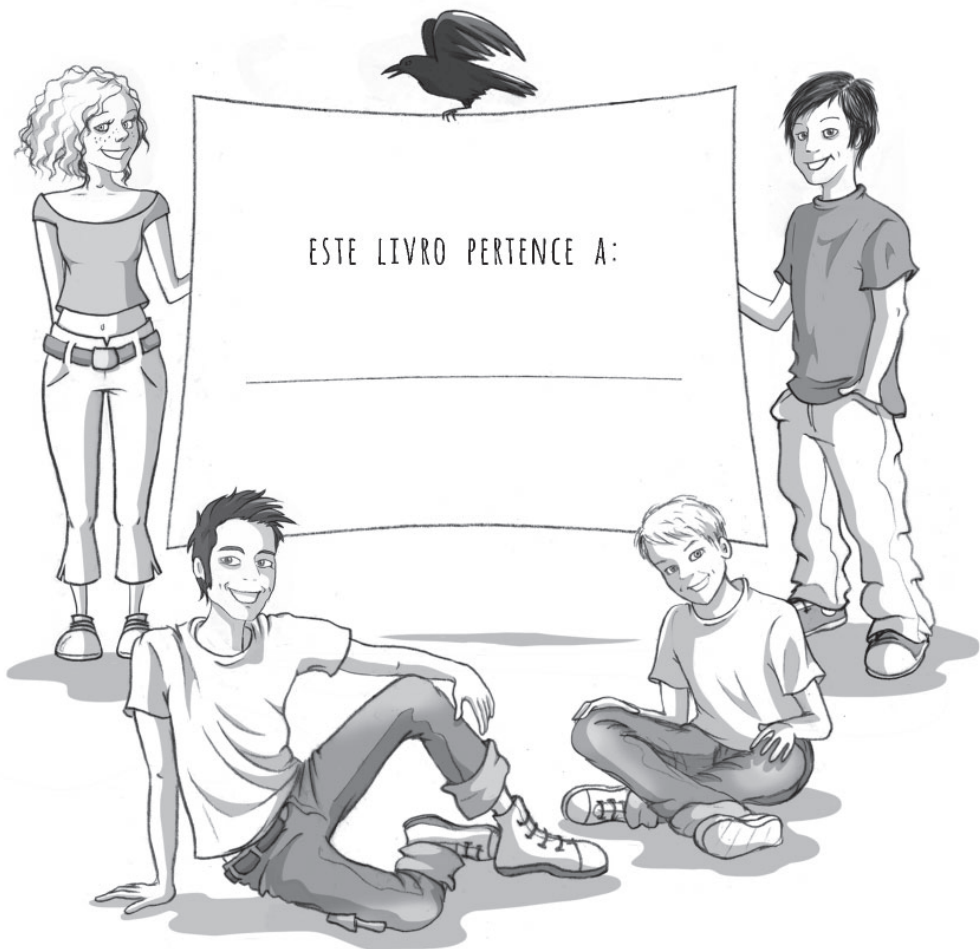


OS 
AVENTUREIROS

O SEGREDO DO OURO NEGRO

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: ISABEL ALVES



ESTE LIVRO PERTENCE A:

OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos por que os professores a recomendam, principalmente para os 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: www.isabelricardo.pt e visita a página de Facebook:

www.facebook.com/SerieOsAventureiros

E-mail para leitores: aventureiros@isabelricardo.pt

E-mail para professores: encontroscomaautora@isabelricardo.pt





PREFÁCIO

Olá, malta!
Desta vez os vossos amigos AVENTUREIROS viajam até ao Alentejo e, como não podia deixar de ser, acabam por mergulhar noutra emocionante aventura.

Inesperadamente, veem-se envolvidos em muitas situações de perigo, mas também deveras divertidas que vos arrancarão umas belas gargalhadas. Já sabem que esse é um dos pontos que encontrarão sempre nos livros dos AVENTUREIROS, muito humor. O corvo *João* continua a fazer os disparates do costume e, depois da última aventura a bordo de um navio de cruzeiro, o seu repertório de frases é ainda maior e mais hilariante.

Desafio-vos a visitarem, não só com os vossos pais, mas inclusive com as vossas escolas, o Centro de Ciência do Café, pois é, de facto, um lugar verdadeiramente enriquecedor e pedagógico. Prometo que se irão divertir a valer. Quando o visitei pela primeira vez, ao espreitar para a vitrina, assaltou-me logo o enredo para este livro e ali mesmo decidi escrever um livro passado lá. Tem tanta coisa interessante e diferente que estou certa de que vos agradará conhecê-lo também.

Para descrever bem tudo o que lá irão encontrar, vivi com a equipa fantástica do CCC cinco dias intensos em que sonhava e respirava café, desde as nove da manhã às seis e meia da tarde. Nunca pensei que houvesse tanta informação sobre o café!

Ia com o Pedro, o Alberto e o Julio, que vinham de Bada-joz e me davam boleia, e regressava também com eles. Pude constatar que toda a equipa do CCC ia trabalhar com alegria e prazer, com uma boa disposição contagiante. São uma família muito especial que me acolheu e aqui lhes deixo o meu profun-

do agradecimento pela forma simpática e calorosa com que me receberam e responderam às minhas infindáveis perguntas, sempre com satisfação. Foi um gosto conviver com eles.

Pretendia que este livro fosse passado também em Avis, Évora, Elvas e Olivença, mas foi impossível, devido à riqueza deste lugar maravilhoso. Ficará para um outro livro.

Agradeço à Helena Nabeiro, administradora do CCC, pela gentileza e generosidade com que me acolheu, disponibilizando tudo para que a minha pesquisa corresse às mil maravilhas. À Cecília Oliveira, pela amizade, carinho e apoio constante. Ao Pedro Marmelo e à Vanessa Almeida, por todas as informações sobre as bebidas e pelos muitos *cappuccinos* que me prepararam. Ao Pedro Romão, pela completa visita à fábrica Nova Delta, mostrando-me todos os processos que o café atravessa desde que chega aos armazéns, pelas lendas sobre Campo Maior, e outras histórias que me contou. Foi incansável. Ao Julio García, pelas fotografias, a mim e aos locais que precisava que entrassem na história e pelas frases em espanhol. Foi de uma simpatia e uma paciência incalculáveis. À Cristina, à Ana Paula e à Ana Beatriz, pela disponibilidade, sempre sorrindo quando eu me inseria nos grupos e as acompanhava nas visitas guiadas. Ao Alberto Luengo, ao Daniel e André Clérigo e até à Sandra Santa e Sónia Mulano, por outras informações que considerarei interessantes saber para a criação deste livro. A todos, a minha amizade e apreço.

Não podia deixar também de agradecer ao pessoal do *Hotel Santa Beatriz* pela hospitalidade com que me rodearam.

Tal como os anteriores onze livros, prometo-vos muito divertimento, emoção e mistério, tanto do vosso agrado.

Um grande abraço da vossa amiga



Ao Comendador Rui Nabeiro, a minha admiração infinita. Esta foi a minha forma de o homenagear, dando-o a conhecer junto da malta mais jovem, como um exemplo a seguir.



CAPÍTULO I

A caminho do Alentejo!

— **Ó** madrinha, foi mesmo fixe da tua parte convidares-nos para irmos contigo ao Alentejo! — exclamou um rapaz de doze anos, moreno, de cabelos e olhos castanhos-escuros, agitando-se freneticamente no banco de trás do automóvel onde seguiam. O seu rosto simpático e traquina estava iluminado de entusiasmo. — Nunca fui antes ao Alentejo!

«*Calmate! Calmate, muchacha guapa!*», fez um corvo de bico comprido e forte e olhos pretos vivos e brilhantes. As suas penas eram de um negro tão reluzente que naquele momento pareciam azuis com o sol a incidir nelas. Mirava o rapaz com a cabeça de lado.

Toda a gente desatou a rir às gargalhadas. Como sempre, *João* acertara na frase. Aquela era uma das muitas imitações que pertenciam ao seu extenso repertório. Aprendera-a quando acompanhara os jovens num emocionante cruzeiro ao Mediterrâneo¹. *João* possuía uma habilidade extraordinária para imitar tudo e todos, desde o ruído mais subtil, ao som de uma terrível explosão ouvida num filme da televisão. Além de imitar as vozes na perfeição.

— Não tens nada que agradecer, Daniel. Foi com o maior prazer! — respondeu uma senhora sorridente, olhando-o pelo espelho. Depois fixou o corvo que estava poisado no ombro de *Bia* e que olhava com a cabeça de lado para Daniel e *Cris*. — Ó meu rapaz, tens de te controlar, senão ainda me fazes estampar contra uma árvore!...

¹ N.º 11 da coleção: *Os Aventureiros na Cidade Flutuante*. (Nota da Autora)

«Disparates! Ó meu, tu 'tás cada vez pior!», fez ele, arrancando novas gargalhadas.

Cris, de catorze anos, cabelos louros, pele clara e olhos azuis, olhou para ele e abanou a cabeça com ar desaprovador.

— Este mariola está cada vez pior!

«Ora, vai-te encher de moscas! Vai-te matar! Não há explicação!», fez o traquina corvo, terminando com a imitação de um ataque de tosse medonho. Depois subiu do ombro para a cabeça da dona e desceu para o ombro seguinte, fazendo-a encolher-se com cócegas.

Cris encostou-se mais a Daniel, com receio de qualquer partidinha de *João*, pois este parecia ter um certo prazer em pregar-lhas. Os outros achavam muita piada, mas o rapaz nem por isso achava graça.

O mais velho dos quatro jovens, Tó Jú, um rapagão alto e forte, de cabelos e olhos escuros, rosto simpático com um sorriso muito cativante, que estava no lugar do pendura, voltou-se para trás.

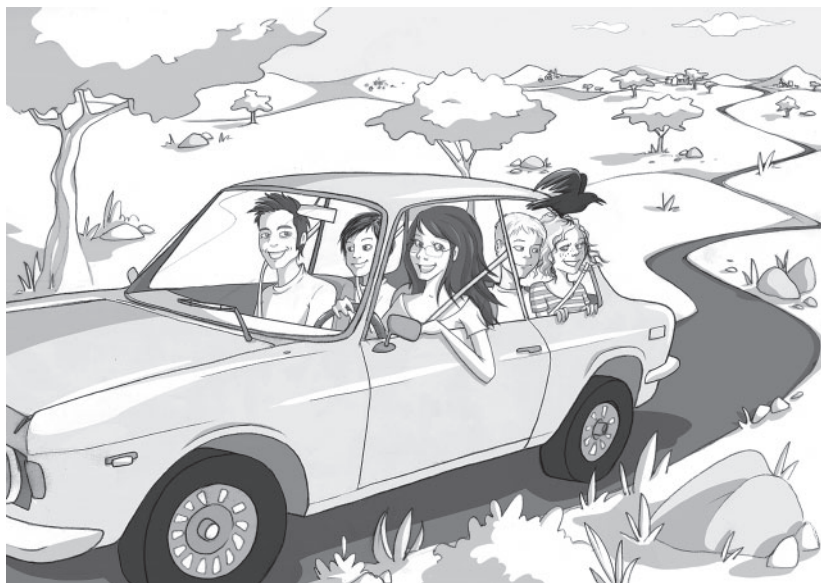
— Acho melhor que estejas atento, Cris, pois o *João* parece estar mortinho por te pregar alguma peça!... — avisou ele, com uma risada. Conseguia cativar toda a gente assim que o conheciam devido ao seu ar bem-disposto, confiando imediatamente nele.

Com um ar derretido, Bia fez uma festa na cabeça do corvo. Bastante bonita, era alta, magra, de cabelos castanhos-dourados, curtos e ondulados e olhos verdes-claros; o nariz arrebitado e umas engraçadas sardas davam-lhe uma beleza especial. Era completamente doidinha pelo seu amiguinho de penas.

— Querido *Joãozinho*, também estás contente com esta viagem, não é?

O irmão deitou-lhe um olhar reprovador.

— Ainda eu me admiro que esse mariola seja tão impertinente... Estraga-lo com mimos!



«Ay, *madre mia!* Olha que tu levas!...»

Bia ignorou o irmão e remexeu-se, animada, tal como o primo mais novo.

— Vamos ao Centro de Ciência do Café, não é, madrinha? A condutora acenou com a cabeça.

— Certo! É um local verdadeiramente excepcional! Tenho a certeza de que vocês irão adorar! Estive lá ainda não tinha sido inaugurado e já estava genial! Agora está ainda melhor! Fica em Campo Maior que é considerada a Capital do Café.

Eles entreolharam-se, excitados. Pelo entusiasmo da tia e madrinha devia ser mesmo um lugar muito especial!

— Conta aí coisas sobre o que vamos ver, madrinha. Aguça aí o apetite à malta!

A madrinha sorriu e deitou-lhes um olhar rápido pelo espelho retrovisor.

— O Centro de Ciência do Café é único na Europa e deveras extraordinário. Já ganhou até diversos prémios de excelência. É muito moderno, inovador e interativo. Está

concebido para todas as idades. Irão acompanhar a viagem do café desde a plantação até à bebida em si.

Daniel trocou um olhar duvidoso com a prima. Não sabia se iria achar tão interessante assim.

— É como um museu, madrinha?

Ela sorriu.

— Muito mais do que um museu, Daniel. No CCC, em todo o momento da visita, vocês poderão interagir com os equipamentos, as exposições e ficar a saber tanta coisa que as pessoas desconhecem. Irão divertir-se a valer a mexer em tudo. Poderão comandar uma nau portuguesa e navegar pelos vários portos, sem falar do jogo dos contrabandistas!...

Os olhos dos mais jovens brilharam de emoção.

— Contrabandistas?

— Sim. Fazia-se muito contrabando por aqui, já que estão encostados a Espanha. Os portugueses atravessavam a fronteira, a coberto da noite, a pé ou com alguma montada, e levavam o seu contrabando para o outro lado, fugindo sempre à Guarda Fiscal, em Portugal, e à Guardia Civil, em Espanha. Eram tempos realmente difíceis, não havia trabalho e os campomaiorenses para sobreviver tinham de contrabandear, sobretudo café, muito apreciado pelos espanhóis também.

Daniel piscou um olho à prima, controlando-se para não lhe dar um beliscão de excitação.

— E há um jogo sobre isso?

— Sim, e bem engraçado. São dois contrabandistas que têm de transportar o seu contrabando, recolher mais mercadoria pelo caminho até à fronteira e sempre a tentar escapar da guarda portuguesa e espanhola. Até podem dar porrada uns nos outros para roubarem a mercadoria um ao outro... É mesmo divertido! Fiquei fã!

Os quatro jovens riram-se. Normalmente os adultos não

eram grandes apreciadores de jogos, mas a madrinha era bastante parecida com eles.

— Quando joguei ao jogo interativo das naus, nunca conseguia conduzir até ao porto de Veneza e espetava-me sempre contra terra! Fiz naufragar os navios todos!

Eles escangalharam-se a rir, fazendo-a sorrir também.

— Já fiquei mais empolgado, madrinha.

— Não se irão arrepender e aposto que não vão querer sair de lá!

«Disparates! Só disparates!», fez *João*, poisando na superfície por trás das cabeças deles. Cris olhou-o, desconfiado.

— Desta vez não tens razão, meu rapaz! Eles vão mesmo adorar!

Tó Jú virou-se para trás e trocou um olhar entusiasmado com os outros jovens.

— Que pinta as nossas aulas começarem uma semana mais tarde!

— Tiveram sorte, senão estariam em aulas, tal como a maioria das escolas. A minha amiga Cecília, que é a diretora do Centro de Ciência do Café, disse-me que hoje já tinham excursões escolares, por isso devemos encontrar por lá pequenada excitada a experimentar tudo — informou, com um sorriso. — Deverá haver por lá mais grupos. Há sempre. Eles recebem vários ao longo do dia, sem falar das pessoas que visitam o CCC sem estarem incluídas em nenhum, tal como eu fiz. Não vos falo mais sobre ele para a surpresa ser maior, mas posso dizer-lhes com absoluta certeza de que nunca mais verão o café da mesma forma... É uma extraordinária viagem ao mundo do café!

— Eh, lá!

«Eh, lá! *Ay, madre mia!*»

— E Campo Maior tem castelo, madrinha? — perguntou Bia, dando uma cotovelada excitada no irmão.

— Tem, sim. Deram-se lá até várias batalhas importantes para a história do nosso país, embora ache que não está aberto ao público, o que é uma pena, já que tem uma história bem interessante — informou a senhora, olhando para eles pelo espelho.

Os jovens fixaram-na, chocados.

— Sério?!

— Um castelo fechado? Mas por que cargas de água é que não mantêm o castelo em condições de ser visitado? Que disparate. Era mais um ponto de turismo para ser visitado pelos turistas portugueses e estrangeiros, depois de virem conhecer o Centro de Ciência do Café. As autoridades deviam tratar bem do que é nosso e o castelo faz parte da história de Campo Maior e da história portuguesa.

— Tens razão, Tó Jú, mas os adultos, como bem sabes, podem ser muito totós.

— Oh! Então quer dizer que há um castelo em Campo Maior e não o podemos visitar? — inquiriu Bia, desolada.

— Lamento, Bia, mas parece que sim, embora não tenha a certeza.

— Não te preocupes, Bia. Havemos de passar pela Câmara Municipal e de os cansar por causa do castelo — garantiu Daniel, com um ar decidido e um piscar de olho.

Bia sorriu, divertida, enquanto o irmão revirava os olhos para cima. Tó Jú sorriu ao ver a expressão desanimada do primo.

— Não te apoquentes, Cris. Vamos tê-los debaixo de olho e não vamos deixar que andem a cansar as pessoas por causa do castelo. Fica descansado.

A madrinha sorriu também.

— E o que vamos ver mais, madrinha? Conta aí!

— Pretendo ir convosco a Olivença e a Avis, que conheci há pouco tempo e adorei, não só as terras, mas as

peças também. O povo alentejano é muito hospitaleiro e simpático!

— E Évora por acaso não fica em caminho para Campo Maior...? Sempre tive vontade de conhecer o *Templo de Diana*! — confessou Cris, entusiasmado. — Foi construído no século I. Já viram os séculos que ele tem?

«Xi! Caramba! *Ay, madre mia!*», fez João, bem a propósito, emudecendo o rapaz momentaneamente enquanto os outros ficavam mortos de riso.

— Gostava de o desenhar ou fotografar — continuou Cris, com um largo sorriso, após deitar um olhar desaprovador ao travesso corvo. — Aliás, deveríamos chamá-lo somente de *Templo Romano* pois parece que inicialmente não foi dedicado à deusa Diana. Foi só a partir do século XVII que começou a ser assim designado, erradamente.

A madrinha deitou-lhe um olhar pelo espelho retrovisor.

— Podemos ir lá primeiro, sim. Também gostava muito e aproveitávamos a viagem para andar por lá e ficarmos a conhecer essa bela cidade tão antiga.

— Boa! Vou adorar conhecê-lo!

Bia e Daniel remexeram-se no banco, excitados.

— Que bom teres-nos convidado, madrinha! — agradeceu Bia, pela décima vez. — Foste uma compincha!

Ela sorriu.

— Vou gostar imenso da vossa companhia. O André e a Inês foram com o pai a Viseu passar uns dias a casa dos avós e eu achei que iria adorar que viessem comigo. É claro que para vós não será nada de especial, para quem há pouco tempo viveu várias aventuras seguidas de arrepiar os cabelos e fez um cruzeiro fantástico ao Mediterrâneo...

— Oh, Binha², não digas isso. Vamos adorar!

² Madrinha de Bia e Daniel, tratada por *Binha* e *Babinha*, por Tó Jú e Cris. (N. da A.)

— Vão ser uns dias maravilhosos sem nos termos de preocupar com uns patifes quaisquer que nos raptem e amordacem — acrescentou Cris, com uma careta.

Ela sorriu, piscando-lhes o olho.

Desataram a cantar a plenos pulmões de tal maneira que até *João* emudeceu. A madrinha ria-se, bem-humorada.

A certa altura aperceberam-se de que iam já a caminho do Algarve, pois a condutora distraíra-se com a conversa e foram obrigados a arrear caminho, no meio de estrondosas gargalhadas e quem se ria mais alto ainda era o mariola do corvo.



CAPÍTULO II

Elvas à vista!

— **E**lvas!
Os quatro olhavam em volta, deslumbrados com o que avistavam. Ao longe, Elvas parecia-lhes uma cidade linda, repleta de história. Uma magnífica fortaleza abaluartada erguia-se, imponente, quase os deixando sem respiração.

— É o *Forte da Graça*. Lindo, não é? Aliás, o *Forte da Graça* é considerado um dos mais poderosos do mundo.

— Que máximo, Binha! Nunca vi nada tão...

— Majestoso? Grandioso? — perguntou a condutora, piscando o olho ao sobrinho mais velho. — Pelo menos têm a possibilidade de ver um bocadinho desta cidade que é imponente. Se não me tivesse enganado no caminho, teríamos tido oportunidade também de ir a Évora, mas com o tempo que desperdicei a ir na direção do Algarve... — acrescentou ela, à laia de desculpa, mas com um sorriso. — Chegaríamos muito tarde a Campo Maior. Visitá-la-emos no regresso, está prometido!

Os quatro primos sorriram, compreensivos. Pouco depois entravam na cidade de Elvas e ficaram de tal maneira surpreendidos e maravilhados com tudo o que viam, que logo se esqueceram de que não iriam a Évora.

— Altamente, madrinha! Tinhas razão. Esta cidade é monumental!

— Sim, é mesmo soberba. Elvas foi a principal praça-forte alentejana pois, como perceberam, está num importante ponto estratégico, bem pertinho de Espanha. Em 2012, a

UNESCO³ classificou a *Cidade-Quartel Fronteiriça de Elvas e suas Fortificações* como Património Mundial. Tem um número infindável de monumentos, desde o castelo⁴, aos fortes, aos fortins, às muralhas seiscentistas. Só para terem uma ideia da riqueza do seu património, tem vinte igrejas e sete conventos, dezanove fontes, dois fortes imponentes, o *Forte da Graça*⁵ e o de *Santa Luzia*, que vocês poderão avistar também. Tenho a certeza de que vão ficar maravilhados! Além do castelo, claro. Felizmente, está tudo muito bem preservado, o que possibilita aos visitantes passarem uns dias maravilhosos a conhecerem esta cidade.

— Tem tanta coisa empolgante que até ficamos tontos, sem sabermos por onde começar — confessou Bia, olhando em todas as direções, enquanto se desviava do irmão que tentava fotografar o máximo que podia, mesmo com o automóvel em movimento.

Todos se riram, mas percebiam bem o que ela queria dizer.

Algum tempo mais tarde, arregalavam os olhos e ficavam de boca aberta a olharem para o imponente aqueduto que se erguia diante deles.

— Safa! É gigantesco!

«Safa! É gigantesco!», fez o corvo, mas ninguém lhe ligou para seu desprante. Ainda estavam todos de queixo caído perante aquela obra magnífica.

— É o *Aqueduto da Amoreira*. Inicia-se por galerias subterrâneas, estendendo-se durante 1367 metros e depois, já ao nível do solo, são estas arcadas que se prolongam por mais de

³ UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. (N. da A.)

⁴ O castelo de Elvas, em 1906, depois das obras de restauro, foi classificado como o primeiro Monumento Nacional português. (N. da A.)

⁵ O nome correto é *Forte de Nossa Senhora da Graça*. (N. da A.)



cinco quilómetros, algumas delas ultrapassam até os trinta metros de altura.

— É impressionante mesmo! — observou Cris, totalmente cativado.

— Ó madrinha! Elvas merece uma visita a tudo!

— Concordo. No regresso, se tivermos tempo, pelo menos levo-os a visitar o castelo e o *Forte da Graça*. Teremos de sair cedo para a visitarmos, e também Évora, Cris, está prometido!